

A RELAÇÃO ENTRE O PASTOR E AS OVELHAS: PROXIMIDADE, PASTOREIO E SACRIFÍCIO EM JOÃO 10.1-18

Luiz Felipe Machado³³

RESUMO

O presente artigo propõe uma análise teológica do texto de João 10:1-18, com ênfase na metáfora do “Bom Pastor” utilizada por Jesus para descrever sua relação com os discípulos. A pesquisa aborda três dimensões fundamentais expressas no discurso: a intimidade entre o pastor e as ovelhas, evidenciada pelo conhecimento mútuo e pela escuta da voz; o pastoreio, como expressão do cuidado, da liderança e da condução segura do rebanho; e o sacrifício, simbolizado na entrega voluntária da vida pelo bem das ovelhas. A análise considera o contexto histórico e literário do evangelho de João, bem como as implicações cristológicas do texto. Conclui-se que essa perícopa da Palavra de Deus apresenta uma compreensão profunda da missão de Jesus, revelando um modelo de liderança fundamentado no amor, na proximidade e na autodoação, com forte relevância para a espiritualidade eclesial e para a prática pastoral contemporânea. A fundamentação teórica utiliza-se de autores como Pearlman (2021), Carson (2009), Ellis (2009) Wiersbe (2008), Keener (2005) e Ryle (1957). O artigo contará com apresentação da metodologia, contextualização e análise teológica do texto, com ênfase na relação entre pastoreio, liderança e Jesus como o “Bom Pastor”.

Palavras-chave: Cristologia; Bom Pastor; Pastoreio; Autodoação; Liderança.

INTRODUÇÃO

O capítulo 10 do Evangelho segundo João, apresenta uma das metáforas mais ricas e teologicamente profundas do ministério de Jesus: a figura do Bom Pastor e sua relação com as ovelhas. Este discurso, proferido por Jesus em confronto com os fariseus, insere-se em um momento de crescente tensão com as autoridades religiosas e representa um marco na autocompreensão de Cristo como aquele que cuida, guia, protege e entrega a vida por seu povo. Ao empregar imagens pastorais profundamente enraizadas na tradição judaica, Jesus não apenas reivindica para si o papel messiânico de líder escatológico do rebanho de Deus, mas também redefine as expectativas quanto à natureza da liderança espiritual, estabelecendo um modelo de relacionamento marcado pela intimidade, pastoreio fiel e amor sacrificial.

³³ É mestrando em Teologia pela Faculdades Batista do Paraná; pós-graduado em aconselhamento pastoral e capelania, graduado em Teologia.

A presente pesquisa tem como objetivo principal analisar, de forma teológica, João 10.1–18, com vistas a compreender a relação entre o Pastor e as ovelhas à luz do ensino de Jesus, suas implicações cristológicas e eclesiológicas, bem como sua relevância para a espiritualidade e a prática pastoral contemporânea. Para alcançar tal objetivo, o estudo parte de uma investigação do contexto histórico, literário e teológico da perícopes, abordando questões como autoria, data, local de redação, destinatários e propósitos do Quarto Evangelho. Além disso, são consideradas as relações da passagem com os contextos remoto e imediato, bem como sua delimitação textual precisa, a fim de sustentar uma leitura coerente e informada.

A relevância deste estudo reside no fato de que a metáfora do Bom Pastor continua sendo uma das mais potentes expressões da identidade de Cristo e da dinâmica entre o Salvador e seus seguidores, especialmente em tempos em que se questionam os modelos de liderança e o papel da comunidade cristã. A pesquisa fundamenta-se em uma análise literária da perícopes, complementada por leituras de teólogos e comentaristas consagrados, tais como Pearlman (2021), Wiersbe (2008), Keener (2005), Carson (2009), Ellis (2009) e Ryle (1957), cujas contribuições auxiliam na compreensão tanto do contexto antigo quanto da aplicação atual do texto.

Metodologicamente, a abordagem é qualitativa, descritiva e analítica, com ênfase na análise bíblica e teológica da passagem, a partir de uma leitura histórico-gramatical e teológica que respeita o desenvolvimento narrativo e doutrinário do Evangelho de João.

1. ANÁLISE CONTEXTUAL DA PASSAGEM

A interpretação adequada de qualquer passagem bíblica exige uma análise criteriosa de seus contextos, tanto histórico-geral quanto específico. No caso do Evangelho segundo João, com ênfase particular na perícopes de João 10:1-18, torna-se essencial considerar os múltiplos níveis contextuais nos quais o texto está inserido. Esta seção propõe-se a desenvolver uma análise contextual, iniciando com aspectos históricos relacionados à autoria, aos destinatários, ao local e à data de composição, assim como ao propósito teológico e literário do Evangelho como um todo.

1.1. Contexto histórico geral

Há opiniões divergentes sobre os aspectos do ambiente histórico, social e religioso em que o Evangelho de João provavelmente foi escrito, situando-se majoritariamente no final do século I d.C., após a destruição do Templo em 70 d.C. Estudiosos defendem a hipótese de uma data anterior a essa destruição, ao sugerir que a ausência de Insciências explícitas à queda do Templo em João 2 reforça uma redação anterior ao ano 70. Contudo, encontra-se evidências contextuais que favorecem uma data posterior, o texto destaca tensões crescentes entre cristãos judeus e autoridades das sinagogas após a consolidação farisaica do judaísmo rabínico.

As tensões estão relacionadas à exclusão social e religiosa, possivelmente refletidas em passagens joaninas marcadas por forte antagonismo com os "judeus" (particularmente os fariseus), como resposta à marginalização dos cristãos nas sinagogas. Além disso, havia pressão política do Império Romano sobre grupos que não se encaixavam nas categorias religiosas oficialmente reconhecidas, colocando os cristãos joaninos em situação de duplo risco, rejeitados tanto pelas sinagogas quanto vistos com desconfiança pelas autoridades romanas.

Diante disso, o Evangelho de João surge como uma tentativa teológica e pastoral de afirmar que a fé em Jesus como Messias não é uma ruptura com o judaísmo bíblico, contudo o seu cumprimento. O texto visa, portanto, fortalecer a identidade dos cristãos judeus, apresentando Jesus como o verdadeiro templo e a encarnação da revelação divina (KEENER, 2005; BÍBLIA DE ESTUDO ARQUEOLÓGICA NVI, 2013).

1.1.1. Autoria, local de redação e data

O Evangelho segundo João é tradicionalmente atribuído ao apóstolo João, filho de Zebedeu e irmão de Tiago, um dos doze discípulos de Jesus e testemunha ocular de eventos marcantes do ministério de Cristo. Conhecido como "o discípulo a quem Jesus amava", João ocupou uma posição de destaque entre os apóstolos e foi incumbido pelo próprio Jesus de cuidar de Maria, sua mãe, após a crucificação. Fontes históricas apontam que João viveu mais do que os demais apóstolos, sendo o único a morrer de forma natural. (HENRY, 2015; RYLE, 1957).

Acredita-se que João tenha redigido o Evangelho em Éfeso, a pedido de líderes cristãos da Ásia Menor, com o intuito de combater heresias emergentes, como o

ebionismo e a negação da humanidade e divindade de Cristo. Ainda que exista divergências quanto à data exata da redação, é amplamente aceito que este foi o último dos quatro evangelhos a ser escrito, possivelmente antes do exílio de João na ilha de Patmos, onde ele escreveu Apocalipse. (HENRY, 2015; RYLE, 1957).

Ellis no comentário bíblico NVI destaca: “Em geral, se acredita que o autor era judeu, vivendo em Éfeso perto do final do século I, embora alguns estudiosos tenham sugerido uma data posterior” (ELLIS, 2009, p.1704). No entanto, a observação de que “alguns estudiosos tenham sugerido uma data posterior” aponta para a complexidade da questão da datação, refletindo debates acadêmicos contínuos sobre o contexto histórico e teológico da obra. A ênfase na data final do século I é crucial, pois situa o texto em um período de transição e consolidação do cristianismo primitivo, marcando o distanciamento progressivo entre judaísmo e cristianismo.

1.1.2. Destinatário e propósito

O Evangelho de João dirige-se predominantemente a uma audiência cristã gentílica, ou seja, composta por não judeus. O objetivo principal era combater concepções influenciadas por correntes da filosofia grega, segundo as quais Jesus seria divino, mas não plenamente humano: “Para eles, a deidade estava por necessidade totalmente distante de qualquer tipo de contato humano, e, por isso, quando comentavam acerca da Paixão de Cristo, diziam que “ele só pareceu sofrer”. João combateu essas ideias por meio do destaque especial que deu à humanidade de Jesus [...]” (ELLIS, 2009, p.1703). A citação de Ellis (2009) reforça e exemplifica de maneira clara o público ao que o Evangelho é dirigido, ao demonstrar como se contrapõe diretamente a concepções helenísticas que negavam a plena humanidade de Cristo.

Nesse contexto, o público gentílico, familiarizado com ideias filosóficas gregas, poderia ser mais suscetível a aceitar versões da cristologia que minimizavam a encarnação. João, portanto, escreve enfatizando fortemente a humanidade real e concreta de Jesus: “Além disso, há muitos indícios da perfeita humanidade de Jesus nesse evangelho. Ele experimentou emoções humanas, fome, sede e cansaço. Não se permite que a cristologia exaltada diminua a perfeita humanidade de Jesus” (CARSON,

2009, p.1540), João faz a seguinte exposição a fim de corrigir as distorções e afirmar a doutrina cristã da encarnação plena: Jesus é tanto verdadeiro Deus quanto verdadeiro homem.

1.2. Contexto histórico específico

Se faz necessário comparar o Evangelho de João com os três Evangelhos escritos anteriormente, Mateus, Marcos e Lucas, os quais são chamados de Sinóticos: “Os três primeiros evangelhos são chamados de “evangelhos sinópticos”, denominação oriunda da palavra grega que significa “ver junto” (WIERSBE, 2008, p. 228).

O Evangelho de João apresenta notórias diferenças em relação aos evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas), tanto em termos de estrutura narrativa quanto de ênfases teológicas. Enquanto os Sinóticos compartilham uma tradição literária e cronológica relativamente coesa, João se destaca por um estilo mais reflexivo e por um conteúdo teológico mais desenvolvido. Como observa Ellis (2009, p. 1703), “João é notoriamente diferente dos primeiros três evangelhos”, embora, em algumas ocasiões, o autor do Quarto Evangelho possa ter se apoiado em tradições comuns às narrativas sinóticas.

A distinção fundamental entre João e os Sinóticos reside na forma como cada um articula a relação entre história e teologia, segundo Ellis (2009, p. 1703), alguns estudiosos veem essa diferença como uma justaposição metodológica: “Os Sinóticos [...] apresentam a teologia do ponto de vista histórico, enquanto João escreve história do ponto de vista teológico”, ou seja, enquanto os Sinóticos buscam apresentar os eventos da vida de Jesus dentro de uma moldura histórica, João interpreta esses mesmos eventos à luz de uma teologia já amadurecida, centrada na relação entre o Pai e o Filho e na identidade divina de Cristo.

Nesse sentido, o Evangelho de João não é apenas um registro da memória dos atos e palavras de Jesus, mas uma obra de profunda reflexão teológica, Ellis (2009, p. 1703) afirma: “Aqui e ali no quarto evangelho, fica claro que temos o comentário inspirado do evangelista lado a lado com as palavras e atos do próprio Jesus. O evangelho é obra de reflexão, como também de recordação”. Tal característica reflete o contexto de uma

comunidade cristã já consolidada, que buscava compreender sua identidade e missão a partir da experiência da ressurreição e da presença contínua do Cristo glorificado.

Adicionalmente, João foi recebido desde cedo como uma exposição autorizada da vida e espiritualidade da Igreja primitiva, como observa Ellis (2009, p. 1702), “[...] o evangelho de João foi considerado pelos seus primeiros leitores uma exposição autorizada da vida da Igreja, na medida em que isso está representado pela união de cada membro com o Cristo ressurreto”, isso indica que o Quarto Evangelho não tinha apenas uma função evangelística, mas também eclesiológica: moldar a compreensão da comunidade cristã sobre sua relação com o Cristo vivo.

Além disso, o ensino de Jesus em João se diferencia fortemente do método parabólico comum aos Sinóticos, em vez disso, há uma ênfase em discursos longos e teologicamente densos, como os encontrados nos capítulos 5, 10 e 17, em que “[...] a relação do Pai com o Filho é elaborada com precisão teológica” (ELLIS, 2009, p. 1703), o que reforça o caráter mais contemplativo e sistemático do texto joanino, voltado para a afirmação da identidade divina de Jesus diante de uma audiência marcada por desafios teológicos e culturais, possivelmente influenciados por correntes filosóficas helenísticas e tensões com o judaísmo rabínico emergente.

Em síntese, o Evangelho de João se insere em um contexto histórico posterior ao dos Sinóticos, refletindo uma comunidade cristã mais madura e teologicamente desenvolvida, ao mesmo tempo em que compartilha algumas tradições com os evangelhos anteriores, João propõe uma releitura teológica dos eventos da vida de Jesus, oferecendo à Igreja uma compreensão mais profunda da encarnação, da comunhão com o Cristo ressurreto e da identidade cristã em meio a pressões religiosas e culturais do final do século I.

1.3. Contexto remoto e imediato da passagem

No contexto imediato da narrativa, a perícope de João 10 encontra-se intimamente ligada aos acontecimentos do capítulo anterior, especialmente à cura do cego de nascença realizada por Jesus em um sábado (Jo 9). Este milagre desencadeia uma série de reações, particularmente por parte dos fariseus, que passam a interrogar insistentemente o homem que havia sido curado. Diante da insistência e hostilidade das

autoridades religiosas, o ex-cego afirma, com ousadia, que Jesus é um enviado de Deus, fundamentando sua declaração na evidência do milagre realizado: “Se esse homem não fosse de Deus, nada poderia fazer” (Jo 9.33). Essa afirmação resulta em sua expulsão da sinagoga pelos fariseus (Jo 9.34), fato que evidencia a crescente oposição religiosa enfrentada por Jesus e por aqueles que creem nele. Posteriormente, Jesus reencontra o homem e o conduz a uma confissão explícita de fé, revelando-se a ele como o “Filho do Homem”. O homem, então, responde com fé e adoração: “Creio, Senhor! — e o adorou” (Jo 9.38). Esse desfecho estabelece um pano de fundo teológico e narrativo fundamental para o discurso que se segue, em que Jesus se apresenta como o verdadeiro Pastor das ovelhas (Jo 10), em contraste com os falsos líderes religiosos representados pelos fariseus.

Já no contexto remoto, observa-se uma possível transição temporal entre a primeira parte de João 10 e os versículos finais do mesmo capítulo, os quais fazem referência à Festa da Dedicção (Hanucá), celebrada no inverno em Jerusalém (Jo 10.22). De acordo com Wiersbe (2008, p. 260), é provável que haja um intervalo de aproximadamente três meses entre os eventos narrados no capítulo 9 e no início do capítulo 10, e os acontecimentos registrados a partir do versículo 22. Tal consideração reforça a ideia de que João 10 apresenta duas seções distintas: a primeira, como um prolongamento e comentário teológico dos eventos do capítulo 9; e a segunda, inserida em um novo cenário temporal e litúrgico, ainda que com continuidade temática no que tange à identidade messiânica de Jesus e sua relação com o povo de Israel.

1.4. A delimitação da passagem

Há divergências entre os estudiosos quanto à delimitação exata da perícope em questão no capítulo 10 do Evangelho de João. Enquanto Carson (2009) e Ryle (1957) consideram que a unidade literária se estende de João 10.1 a 10.18, outros autores, como Wiersbe (2008) e Keener (2005), propõem uma delimitação mais ampla, incluindo também os versículos 19, 20 e 21, ou seja, de João 10.1 a 10.21. Essas diferenças refletem distintas abordagens interpretativas e critérios exegéticos utilizados na análise do texto, especialmente em relação à continuidade temática e ao contexto imediato da

narrativa. Para o presente estudo, o autor adotará a delimitação que corresponde a João 10.1-18,

2. ANÁLISE TEOLÓGICA DE JOÃO 10.1-18

O trecho de João 10.1-18 apresenta Jesus como o "Bom Pastor", revelando profundas implicações cristológicas, a metáfora pastoral, profundamente enraizada na tradição do Antigo Testamento (Sl 23; Ez 34), é ressignificada em Cristo, que se contrapõe aos "ladrões e salteadores", os fariseus, líderes religiosos que exploravam e desviavam o povo.

A figura de Jesus como a "porta das ovelhas" (vv. 7-9) enfatiza sua exclusividade como meio de acesso à salvação e ao pastoreio verdadeiro. O uso da voz e o reconhecimento das ovelhas (vv. 3-5) sugerem uma relação íntima e pessoal entre o Pastor e seus seguidores, destacando o chamado eficaz dos crentes. O encerramento se dá na entrega voluntária de Jesus (vv. 11-18), onde Ele se distingue dos mercenários, revelando o amor sacrificial como fundamento de sua missão redentora. Essa entrega não é apenas uma morte substitutiva, mas um ato de soberania divina, pois Ele tem autoridade para dar e retomar a vida (v. 18), apontando para a ressurreição como expressão do domínio de Cristo sobre a morte.

2. 1. A parábola do aprisco – João 10.1-6

A perícope em questão introduz uma figura de linguagem pastoral profundamente enraizada na tradição veterotestamentária, a qual é ressignificada por Jesus para contrastar sua liderança com a dos fariseus. A metáfora do aprisco, recorrente nas práticas agrárias do antigo Oriente Próximo, serve como cenário simbólico para esse ensino. Nessa estrutura, havia uma única entrada, vigiada pelo próprio pastor ou por um porteiro, especialmente quando diferentes rebanhos estavam reunidos no mesmo redil. Essa imagem, conforme Carson (2009, p. 1574), não apenas confere realismo à narrativa, mas também reforça a ideia de que "os ladrões seriam forçados a entrar por outros meios", apontando para a ilegitimidade e a violência dos falsos líderes espirituais.

No contexto do Evangelho de João, essa crítica tem alvos bem definidos: os fariseus e os dirigentes religiosos que expulsaram o homem que era cego e foi curado por Jesus da sinagoga (Jo 9.34). O ato de não aceitar alguém curado por Jesus revela não apenas a dureza desses líderes, mas sua desconexão com a verdadeira missão pastoral, que é conduzir e cuidar do povo de Deus. Keener observa que, para os leitores originais do Quarto Evangelho, em sua maioria cristãos judeus expulsos das sinagogas, essa parábola teria ressonâncias imediatas: “Os dirigentes das sinagogas, que expulsaram os leitores judaico-cristãos de João, alegam serem os verdadeiros pastores, mas quando a plateia de João ouvir essa passagem, vai fazer uma ideia bem diferente deles” (KEENER, 2005, p. 302). A ironia da narrativa é contundente: aqueles que reivindicam autoridade espiritual são expostos como usurpadores que não entram pela “porta”, mas buscam acesso ao rebanho por vias ilícitas.

Além do contraste entre liderança legítima e ilegítima, a parábola enfatiza a natureza relacional da verdadeira liderança pastoral, o bom pastor é aquele que “chama pelo nome as suas próprias ovelhas e as conduz para fora” (Jo 10:3), evidenciando um vínculo de intimidade e cuidado pessoal. Essa relação interpessoal é um dos principais critérios para identificar o pastor verdadeiro. Carson destaca que: “A característica de um verdadeiro pastor é que ele não somente reconhece as suas ovelhas, mas as chama pelo nome e as leva para o pasto” (CARSON, 2009, p. 1574). Em contrapartida, o estranho não é reconhecido pelas ovelhas e, portanto, não é seguido (v. 5), o que reforça a rejeição da liderança falsa. Essa dimensão relacional aponta para o chamado eficaz de Cristo, onde a resposta das ovelhas é determinada por seu conhecimento e confiança na voz do pastor.

Contudo, o texto também revela a incompreensão dos ouvintes, João nota que “[...] eles, porém, não entenderam o que ele lhes dizia[...]” (v. 6), indicando a cegueira espiritual que perpassa a liderança judaica e parte da multidão. Mesmo diante de uma metáfora conhecida e culturalmente familiar, a verdade espiritual nela contida permanece oculta para os que não pertencem ao redil de Cristo. A parábola do aprisco, portanto, não apenas revela a identidade de Jesus como o pastor legítimo, mas também denuncia a falsa liderança religiosa e estabelece os fundamentos da comunidade messiânica, cuja

pertença é marcada pelo reconhecimento da voz de Cristo e pela relação pessoal com Ele.

2.2. Jesus como a Porta – João 10. 7-10

Nos versículos 7 a 10 do capítulo 10 de João, Jesus aprofunda sua metáfora pastoral ao se apresentar como “a porta das ovelhas”, essa declaração tem forte conotação teológica, pois afirma a exclusividade de Cristo como único mediador entre Deus e os homens. Nesse trecho, há uma transição clara da parábola para sua aplicação cristológica direta: Jesus não é apenas o pastor verdadeiro, mas também o acesso legítimo ao redil, ou seja, à salvação. A porta representa o único meio válido de entrada, descartando qualquer outro caminho como ilegítimo, como Carson explica, Jesus não está desmerecendo o Antigo Testamento ou seus profetas, está condenando aqueles que, antes dele, “[...] alegavam ser o único caminho [...]” (CARSON, 2009, p.1575), referindo-se especialmente aos numerosos falsos messias que surgiram na história intertestamentária.

Jesus se distingue de qualquer pretensão mediador ao afirmar que “[...] quem entrar por mim será salvo; entrará e sairá, e encontrará pastagem [...]” (Jo 10.9), essa promessa envolve três aspectos essenciais da experiência cristã: salvação, liberdade e sustento espiritual. Pearlman (2021, p. 109) observa que “a segurança está associada à salvação como presença contínua e proteção divina”, enquanto “a liberdade” é expressa pela imagem de “entrar e sair”, sinal de confiança e estabilidade espiritual. Por fim, “as pastagens” simbolizam a suficiência de Cristo para alimentar e renovar a alma, tanto individualmente, por meio da oração e da Palavra, quanto na vida comunitária da igreja.

Essa vida plena é resultado da mediação de Cristo, que não apenas conduz, mas oferece vida em sua forma mais completa: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10.10), a imagem retoma o Salmo 23 como pano de fundo teológico: o Senhor como pastor que guia às águas tranquilas, restaura a alma e oferece pastos verdejantes (PEARLMAN, 2021, p. 112).

A compreensão de Jesus como a porta envolve também a centralidade de sua obra redentora, Ryle interpreta a metáfora à luz da cruz: “pela sua morte na cruz, abriu a brecha na grande muralha, e alcançou perdão e paz para os pecadores” (RYLE, 1957, p.

141). Ele é o caminho que conduz ao Santo dos Santos, uma imagem do acesso à presença de Deus, e é, portanto, “no sentido mais elevado, a porta”. Esse acesso não está restrito aos justos, mas é aberto até aos “maiores pecadores”, desde que entrem por meio de Cristo, a advertência de Ryle é pastoral: “[...] cuidemos de nos utilizar desta porta e não nos ponhamos, de fora, somente a contemplá-la” (RYLE, 1957, p.141).

Essa ênfase na exclusividade de Jesus como mediador da salvação é reiterada por sua missão encarnada: “Eu vim”, diz ele, para dar vida eterna, em contraste com os ladrões que vêm para “roubar, matar e destruir” (Jo 10.10). Ryle (1957, p. 143) reforça que Cristo “[...] veio ser para a humanidade o manancial da vida espiritual [...]”, enquanto Moisés, representante da antiga aliança, trouxe leis e estatutos, Jesus, ao contrário, oferece graça, verdade e vida em abundância. A expressão “vida abundante” não se refere à prosperidade material, mas à plenitude espiritual, uma vida vitoriosa, marcada pela presença de Deus e pelo propósito eterno (PEARLMAN, 2021, p. 112).

A dinâmica de “entrar e sair” é também um chamado ao equilíbrio na vida espiritual e ministerial, Pearlman (2021, p. 114) observa que “[...] há dois lados na vida espiritual”: comunhão íntima com Deus e serviço ativo ao próximo. Seguindo o exemplo de Cristo, que buscava a presença do Pai em oração antes de agir em serviço, o discípulo deve entrar na presença divina para ser fortalecido e, então, sair ao mundo para cumprir sua missão. Jesus, ao afirmar ser a porta, não apenas convida à salvação, mas estabelece o padrão para uma vida de comunhão, liberdade e missão integral (PEARLMAN, 2021, p. 114-115).

2.3. O Bom Pastor entrega a vida – João 10. 11-13

Jesus reafirma sua identidade messiânica por meio da solene declaração: “Eu sou o bom Pastor; o bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas” (v. 11), essa autodefinição revela o ápice da missão redentora de Cristo e o distingue radicalmente dos líderes religiosos de sua época. O adjetivo “bom” (*kalós*, em grego)³⁴, mais do que indicar qualidade moral, sugere a beleza ética e excelência do caráter de Jesus como pastor

³⁴ Significado de bom, em grego. Disponível em: <https://talkpal.ai/pt-pt/vocabulary/%CE%BA%CE%B1%CE%BB%CF%8C%CF%82-kalos-vs-%CE%BA%CE%B1%CE%BA%CF%8C%CF%82-kakos-bom-vs-mau-em-adjetivos-gregos/> Acesso em 20 jul. 2025.

ideal, ele não apenas cuida, mas se entrega, em amor sacrificial, pelas ovelhas. O pastor legítimo, em contraste com o mercenário, arrisca sua vida por amor ao rebanho, como aponta Pearlman, “[...] na Palestina, a devoção dos pastores às suas ovelhas muitas vezes tem levado alguns deles a morrer na luta contra feras ou salteadores” (PEARLMAN, 2021, p.112), e essa realidade serve como pano de fundo para ilustrar o tipo de dedicação total demonstrada por Cristo.

O contraste entre o verdadeiro pastor e o mercenário é central nesta passagem, o mercenário é descrito como aquele que “vê o lobo vindo e abandona as ovelhas” (v. 12), revelando uma motivação voltada para o próprio benefício, a crítica é contundente: os fariseus, que deveriam cuidar do povo, tratavam o ofício como profissão, e não como vocação. Ryle observa que “o fim de Nosso Senhor, aqui, era demonstrar a absoluta falta de idoneidade dos fariseus [...] não haviam assumido tal lição por verdadeira vocação, e assim também não tinham [...] consciência exata dos deveres do seu ministério” (RYLE, 1957, p. 141). O verdadeiro pastor dá sua vida; o mercenário, por outro lado, vive às custas das ovelhas, visando “salário” e “autopreservação”, como denuncia Pearlman (2021, p. 112), trata-se de uma liderança utilitarista, em que “o motivo dominante no seu trabalho é a autopromoção”, o que configura um desvio ético e espiritual grave.

A oposição entre pastor e mercenário, portanto, não é apenas uma questão de competência, mas de natureza e caráter, enquanto o mercenário representa a religiosidade institucionalizada, fria e utilitária, o Bom Pastor encarna a compaixão divina. Keener (2005, p. 302) ressalta que os fariseus, além de considerarem os pastores ritualmente impuros, desprezavam-nos como parte da “classe vulgar”, e, assim, dificilmente se identificariam com o protagonista da metáfora, Jesus subverte essa expectativa cultural ao se apresentar justamente como esse pastor desprezado, aquele que se sacrifica pelos outros. Pearlman amplia essa crítica ao lembrar que os líderes religiosos viam o povo como instrumento de sua autoridade, e não como rebanho a ser cuidado: “[...] caíram no erro [...] de que o povo existe em prol deles, e não eles para servir ao povo” (PEARLMAN, 2021, p. 113).

O modelo pastoral apresentado por Cristo não é ocasional, mas essencial à sua missão, Ryle afirma que “[...] nosso Senhor por duas vezes se serviu de uma expressão muito significativa [...]: 'Eu sou o bom Pastor'” (RYLE, 1957, p. 143), revelando o seu

ofício principal junto aos cristãos, e essa entrega de vida não é abstrata: ela se concretiza na cruz, onde o Justo morre pelos injustos, cumprindo o ideal do pastor que ama a ponto de morrer por suas ovelhas.

O relacionamento entre as almas e Cristo, como lembra Pearlman, é ilustrado por essa metáfora amplamente usada nas Escrituras (Sl 23; Ez 34; 1Pe 2.25), pois os homens, assim como as ovelhas, “facilmente se extraviam [...], precisam de proteção; necessitam de sustento” (PEARLMAN, 2021, p. 109–110), o pastor verdadeiro reconhece essa fragilidade e responde com cuidado, proximidade e doação.

O texto carrega implicações para toda liderança cristã, de forma que Jesus denuncia o profissionalismo no ministério, ou seja, a atitude daquele que “[...] usa sua posição [...] como trampolim para sua autopromoção” (PEARLMAN, 2021, p. 114). O pastor que não entra “pela porta” (isto é, por Cristo), mas se vale de meios humanos e ambições pessoais, age como mercenário, não como servo de Deus. O padrão deixado por Jesus é claro: o amor sacrificial, que busca não o lucro, mas a vida plena das ovelhas, todo ministério autêntico nasce desse modelo: amor a Cristo e compaixão pelas almas.

2.4. Conhecimento mútuo e inclusão universal - João 10.14-16

Na sequência do discurso sobre o Bom Pastor, Jesus aprofunda a dimensão relacional de sua missão ao afirmar: “Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem” (Jo 10.14), essa mutualidade no conhecimento é apresentada como reflexo da própria relação entre o Pai e o Filho, revelando não apenas intimidade, mas comunhão entre Cristo e os que lhe pertencem. A imagem do pastor que conhece suas ovelhas ultrapassa o mero reconhecimento externo; trata-se de uma relação de profundo afeto, fidelidade e compromisso, tal como observado por Pearlman, que destaca a realidade concreta das regiões orientais onde “[...] há profundos laços de simpatia, afeição e reconhecimento entre o pastor e suas ovelhas” (PEARLMAN, 2021, p. 111), e mesmo que aos olhos do estranho elas pareçam idênticas, o pastor as reconhece individualmente, e elas, por sua vez, identificam sua voz. Essa reciprocidade define a natureza da vida cristã: o conhecimento de Cristo pelos seus não é meramente doutrinário ou institucional, mas vital, experimental e transformador.

Ryle (1957, p. 147) observa que a metáfora da ovelha, utilizada por Jesus para descrever os verdadeiros cristãos, carrega implicações significativas sobre a identidade espiritual do crente, pois a ovelha representa docilidade, dependência, inocência e vulnerabilidade, características que expressam a necessidade contínua de direção e cuidado. Mais que isso, Cristo destaca a total dependência do rebanho em relação ao pastor, e é nessa dependência confiante que se constrói a relação de salvação. Ao apresentar-se como aquele que conhece profundamente cada uma de suas ovelhas, Jesus estabelece uma liderança baseada não no domínio ou imposição, mas no exemplo e no amor sacrificial, pois “[...] ele guia e conduz mediante o seu exemplo” (PEARLMAN, 2021, p. 110), como afirma Pearlman, fazendo eco a outras passagens joaninas e apostólicas que exaltam a liderança servidora de Jesus.

No versículo 16, a fala de Jesus se expande para além dos limites de Israel: “Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; a essas também me convém conduzir, e elas ouvirão a minha voz; então haverá um só rebanho e um só pastor”, aqui se revela, de modo claro, a dimensão universal da missão do Bom Pastor. Carson (2009, p. 1575) interpreta corretamente que essas “outras ovelhas” se referem aos gentios, e que embora haja diferentes apriscos, ou seja, distintos contextos culturais e étnicos, há apenas um rebanho, pois, a base da unidade não está na origem dos crentes, mas na pessoa de Cristo. Ryle (1957, p. 145) observa que com essas palavras, Jesus anuncia profeticamente a futura inclusão dos gentios na comunidade messiânica, confrontando assim o orgulho exclusivista dos fariseus e escribas, que se julgavam guardiões exclusivos da salvação. A grandeza do rebanho de Cristo não está na sua homogeneidade étnica ou institucional, mas na sua submissão unificada ao único Pastor.

Esse trecho, portanto, não apenas reforça o caráter pessoal e íntimo da relação entre Cristo e seus seguidores, mas estabelece os fundamentos da Igreja, cuja comunhão é fundamentada na escuta obediente da voz do Pastor, a autoridade de Jesus se manifesta por meio do chamado eficaz, que alcança tanto judeus quanto gentios, formando um rebanho universal sob um único Senhor. Tal unidade é profundamente cristológica, pois não nasce da uniformidade, mas da convergência em torno de Cristo, a missão da Igreja, por conseguinte, é prolongar esse chamado, reconhecendo a dignidade

das “outras ovelhas” e abrindo espaço para que todas, indistintamente, sejam reunidas na comunhão do único redil.

2.5. A autoridade de Jesus sobre a vida e a morte - João 10.17-18

Ao declarar que o Bom Pastor entrega voluntariamente a sua vida pelas ovelhas e, ainda, tem autoridade para retomá-la, Jesus revela um aspecto central de sua identidade divina e de sua missão redentora, diferentemente do mercenário que foge diante do perigo, o verdadeiro Pastor manifesta um amor que transcende todo entendimento, entregando-se sacrificialmente para garantir a salvação definitiva do seu rebanho. Ryle (1957, p. 144) ressalta que esse ato supremo ocorreu na cruz, onde Cristo, consciente de que somente o seu sangue poderia libertar as ovelhas do inferno e do poder de Satanás, ofereceu-se como sacrifício perfeito pelos pecados da humanidade. Assim, o amor do Bom Pastor é manifestado não apenas na proteção, mas na entrega total de sua própria vida, a qual assegura a salvação eterna a todos que nele creem.

O versículo 18 reforça essa doutrina ao destacar que Jesus não apenas deu a vida voluntariamente, mas que tem a autoridade para retomá-la, confirmando sua soberania sobre a vida e a morte, segundo Ryle (1957, p. 146), este trecho sintetiza toda a mensagem do capítulo, revelando o caráter singular de Jesus como Pastor, o seu poder redentor e a visão universal da comunidade cristã unificada sob um único Pastor. Essa afirmação implica uma autonomia única, demonstrando que a morte de Jesus não foi uma derrota, mas uma entrega consciente e controlada, em obediência ao propósito divino de reconciliação. Portanto, a autoridade de Jesus sobre a vida e a morte torna-se a base da esperança cristã, assegurando que aquele que é o caminho, a verdade e a vida também detêm o poder absoluto para conceder a vida eterna às suas ovelhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise teológica de João 10.1–18 permitiu evidenciar com clareza as três dimensões centrais do discurso do Bom Pastor: a intimidade, o pastoreio e o sacrifício, essas categorias não apenas estruturam o ensino de Jesus no contexto do confronto com os fariseus, mas oferecem uma síntese da identidade de Cristo e da natureza da relação

que Ele estabelece com os seus discípulos. A metáfora do pastor, fortemente enraizada no imaginário veterotestamentário, é reinterpretada por Jesus à luz de sua missão redentora, assumindo contornos de profundidade teológica que apontam para sua divindade, seu amor incomparável e sua liderança messiânica.

A intimidade entre o Pastor e as ovelhas é marcada pelo conhecimento mútuo, que reflete o próprio relacionamento da trindade, entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e é concretizada na escuta da voz do Pastor, esse vínculo revela uma dimensão relacional profunda, que transcende o pertencimento institucional e se expressa em termos de fé, obediência e comunhão.

O pastoreio, por sua vez, é apresentado não como domínio autoritário, mas sim como cuidado presente, condução fiel e proteção constante, o pastor guia por meio do exemplo e oferece liberdade, sustento e segurança às suas ovelhas, refletindo o caráter gracioso e comprometido de Deus. Por fim, o sacrifício representa o ápice do amor pastoral de Cristo, que entrega voluntariamente sua vida pelas ovelhas e, em sua soberania, retoma-a, revelando sua autoridade sobre a vida e a morte, e assegurando a salvação eterna dos que lhe pertencem.

Assim, a perícope estudada oferece não apenas uma compreensão mais profunda do ministério de Jesus, mas um modelo paradigmático para a liderança cristã e para a vivência comunitária da fé. A figura do Bom Pastor continua sendo um referencial teológico e pastoral indispensável, especialmente em contextos marcados pela crise de autoridade e pela fragmentação espiritual. Conclui-se, portanto, que João 10.1–18 permanece como um texto vital para o discipulado cristão, chamando todos os que ouvem a voz do Pastor a uma vida de relacionamento íntimo, cuidado mútuo e entrega sacrificial.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. **BÍBLIA DE ESTUDO ARQUEOLÓGICA NVI**. Equipe tradução: Claiton André Kunz; Eliseu Manoel dos Santos; Marcelo Smargiasse. São Paulo: Vida, 2013.

BROWN, E. Raymond. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2004.

BRUCE, F.F. **Comentário bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CARSON, D. A. **Comentário bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009.

CARSON, D, A., MOO, Douglas J., MOORIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

DICIONÁRIO. Significado de bom, em grego. Disponível em: <https://talkpal.ai/pt-pt/vocabulary/%CE%BA%CE%B1%CE%BB%CF%8C%CF%82-kalos-vs-%CE%BA%CE%B1%CE%BA%CF%8C%CF%82-kakos-bom-vs-mau-em-adjetivos-gregos/> Acesso em 20 jul. 2025.

ELLIS, D.J. João. In: Bruce, F. F. **Comentário bíblico NVI**: Antigo e Novo Testamento. Trad. Valdemar Kroger. São Paulo: Vida, 2009.

KEENER, C. S. **Comentário bíblico Atos**: Novo Testamento. Tradução de José Gabriel Said. Belo Horizonte: Atos, 2005.

HENRY, M. **Comentário Bíblico** - Novo Testamento. Mateus a João. Ebook. São Paulo: CPAD, 2015. Vol. 1.

PEARLMAN, M. **Comentário Bíblico - João**: o Evangelho do Filho de Deus. 4.^a ed. Ebook. São Paulo: CPAD, 2021.

RYLE, J.C. **Comentário expositivo do Evangelho Segundo João**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1957.

WIERSBE, W. W. **Comentário bíblico Wiersbe**: Novo Testamento. Rio de Janeiro: Editora Geográfica, 2008.